

APRESENTAÇÃO

É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi
[...]
Quando eu te encarei frente a frente e não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
É que Narciso acha feio o que não é espelho
[...]
Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso.
("Sampa" - Caetano Veloso)

O número 16 da Revista ABRIL propôs como tema "VIAGEM, DESLOCAMENTOS, DIFERENÇA", o que de algum modo corresponderia – ao rés do chão das significações – ao fato de que a *viagem* é necessariamente *deslocamento*, e o *deslocamento* deve induzir ao *conhecimento da diferença*.

A questão, contudo, é mais complexa do que essa evidência primária permite reconhecer. Por princípio, porque, desde já, há muitas formas de viajar, quer no que se refere ao meio da travessia – para a cultura portuguesa privilegiadamente o mar, e, para as africanas, em vez de mar, grande inimigo, os caminhos da própria terra e os oferecidos pelos seus inúmeros rios –, quer no que tange à motivação da partida – descobertas, nomadismos, conquistas, mas também fugas, guerras, diásporas, exílios e (e)migrações. A consequência dessas viagens, como a história nos mostra, vai variar se o objeto do olhar for Portugal ou se forem as nações africanas. No entanto, superando essas diferenças, haverá um ponto de convergência: a criação de um espaço linguístico comum, o da língua portuguesa, por onde todos, aqui incluídos os brasileiros, navegamos.

Se a cultura portuguesa tem como um de seus eixos identitários o saldo épico da grande viagem por mares nunca dantes navegados, desse modelo não se exclui, na contramão do heroísmo assinalado, a também inevitável contingência do trágico. Por isso é que opor simplesmente *Os Lusíadas* à *Viagem Trágico-Marítima* seria cair no engodo dos maniqueísmos castradores, seria ignorar que a tragédia se incluía já no percentual não desprezível da voz antiépica de Camões, do mesmo modo que a narrativa dos naufrágios, que figuram o avesso da aventura, tinha – ao lado da denúncia dos costumes viciosos – a função didática de melhor gerir o investimento marítimo para não incorrer em erros anteriores, quer fossem eles consequência de causas práticas, como a má construção dos barcos, a calafetagem insuficiente, a inexperiência dos navegadores, o imprevisto ataque de inimigos; como também de causas naturais, mais ou menos inevitáveis, como as terríveis tempestades; ou ainda causas morais, como os vícios da ganância desmesurada que, não raras vezes, superlotava os galeões de uma carga excessiva que os induzia ao naufrágio, ou dizimava populações que se lhes antepunham ao caminho.

De outra parte, se o objeto de nosso olhar é a África, veremos que o mar ali representa uma outra coisa, estando sempre ligado à morte. Por ele, chegou o outro, que, por não ver nos africanos seres humanos, dispôs-se a destruir seus modos de vida autojustificativos, por nunca entender que os outros também tinham uma fé e impérios – assim mesmo no plural. É de notar, ainda, que será esse mar o caminho que os negros africanos vão cruzar, quando, arrancados de suas terras pela cupidez do dominador e mesmo de seus iguais africanos, serão levados nos porões dos navios, chamados negreiros, porões que, como gado, ocupam, amontoados na viagem que, em princípio e pela violência, os obrigaria a apagar as luzes da memória de tudo que um dia fora seu. Como sabemos, isso foi em vão. No entanto, não há como esquecer que as naus se faziam tumbeiros e muitos corpos negros passaram a povoar o Atlântico, que se torna bissemicamente negro – aqui lembrando Paul Gilroy (1993) –, seja por abrigá-los em suas profundezas, seja por nele se criar uma diáspora que abrirá as portas para que se chegue a outras formas de se pensar essas viagens, deslocamentos e diferenças.

Assim, na sequência desses *deslocamentos*, a visão da alteridade é ainda hoje uma conquista diária. Que não advém apenas do mero desprezo pelo outro, mas, sobretudo em tempos mais remotos, do espanto diante da diferença que o olhar europeu não era capaz de conceber para além do imaginário que o definia. Então olhavam e não viam, projetavam no outro o espelho de si mesmos, o que gerava inevitavelmente imagens distorcidas e anômalas, simplesmente porque diferentes ou divergentes.

Em outras palavras, para retomar a fecunda reflexão de Helder Macedo em *Partes de África*, “reconheciam o desconhecido”, incapazes que eram de *conhecê-lo* na sua *diferença*. Também é válido aqui convocar outra voz que igualmente nos propõe uma reflexão profunda e, de certo modo,

dorida, a do angolano Manuel Rui, que, em “Eu e o outro – O Invasor [...]” (1987), nos diz desta mesma incapacidade dos dominadores de compreender que “o mundo somos nós e os outros”. Retomando a nossa epígrafe, esses homens que foram em busca do desconhecido eram como Narciso, *que acha feio o que não é espelho* e não conseguiram suportar que aquele outro era *o avesso do avesso do avesso do avesso*.

Navegar é preciso? Navegar exige certamente *precisão*, mas nem sempre com ela podiam os navegadores contar porque toda aventura inaugural é sem modelo, travessia no escuro. Navegar, por outro lado, nem sempre teria sido *necessário* (outro modo de entender “preciso”), porque as causas de algumas delas – as do exílio, as da emigração, as da escravidão – são viagens não voluntárias que poderiam ter sido evitadas se os que foram obrigados a partir tivessem contado com um pouco mais de espírito livre e um pouco menos de violação dos direitos individuais por parte de quem os levou às variadas formas de desterro.

E há ainda viagens metafóricas, que se fazem como trânsito de representações e de linguagens, como a mostrar que os discursos são sempre metamorfoses do real, indagações e possibilidades multiplicadas de leituras do mundo referencial.

Este número da Revista ABRIL abriga, assim, muitas espécies de *viagens*, de *deslocamentos*, de *diferenças*, e os textos que o compõem aparecerão numa ordem – não explicitada, mas inferível – que os agrupa em três grandes núcleos. O primeiro deles é o que se refere às GEOGRAFIAS: CIDADES / PAISAGENS / IMAGENS, e é composto pelos artigos de Rita Chaves e Nazir Can, Vincenzo Arsillo, Monica Figueiredo, Tania Macêdo, Demétrio Alves Paz e Sheila Jacob, num percurso físico, cultural e / ou antropológico que nos leva a Moçambique, ao Rio de Janeiro, a Cabo Verde, a Luanda, e ao achamento do Brasil. O segundo núcleo se refere a VIAGENS: DESTERRO / DESLOCAMENTOS / ALTERIDADES, e é composto pelos artigos de Inocência Mata, Maria Fernanda de Abreu, Simone Schmidt, Raquel Cesar da Silva e Márcia Barbosa, Rodrigo Corrêa Martins Machado, e Natasha Felizi, artigos estes centrados nas percepções da alteridade (descobrimientos, imperialismos, feminismos) e nos dramas do exílio, com seus modos de representação e suas imagens fundadoras. O terceiro núcleo, enfim, se define pela aventura de LINGUAGENS: HISTÓRIA / PINTURA / LITERATURA, com os artigos de Isabel Pires de Lima, Jaime Sant’Anna, e Carmen Tindó R. Secco, contemplando Eça de Queirós e Sttau Monteiro, para a literatura; Paula Rego nas suas apreensões plástico-literárias; e, por fim, um balanço poético e crítico dos 40 anos da independência de Angola.

Há, ainda a completar o número, duas resenhas, a de Renata Quintella de Oliveira sobre obra de Gonçalo M. Tavares, e a de Aline Duque Erthal, que enfoca ensaios sobre Ruy Belo, resenhas estas que são os modos críticos de apresentar, como de hábito, publicações relevantes na área dos estudos portugueses e africanos.

É este, portanto, o resultado final que as organizadoras deste número da Revista ABRIL pretendem trazer aos olhos críticos dos seus leitores, convocados à leitura pelo tema da viagem, por seus caminhos e descaminhos, por seu interesse em descobrir o modo de relacionar-se com o outro desconhecido que deve aprender a “conhecer”, um outro na paisagem, um outro nos costumes, um outro na linguagem.

Niterói, julho de 2016

Laura Padilha e Teresa Cerdeira

Organizadoras